

A imaginação nunca chega à realidade.

DOSSIER DE IMPRENSA

RUA DOS ANJOS

um filme de
Maria Roxo e Renata Ferraz

NOS CINEMAS
28 SETEMBRO



Sagaz, ousado, estimulante.
Jorge Leitão Ramos, Expresso



SINOPSE

Rua dos Anjos é um filme construído a partir do encontro e da criação fílmica partilhada entre duas mulheres. Nele, relatam e testemunham histórias pessoais enquanto trocam algumas técnicas dos seus respetivos ofícios: o trabalho sexual e o fílmico. Neste cenário, tornam-se ambas realizadoras e personagens.



**“Ao conhecer Maria,
as minhas forças
para o projeto foram
reavivadas.”**

Renata Ferraz





Uma das mais surpreendentes obras da Competição Nacional. O filme documenta o encontro entre a prostituta aposentada Maria Roxo e a realizadora e atriz brasileira residente em Portugal Renata Ferraz. A primeira ensina as artes do ofício à segunda, que pretende angariar clientes para um projeto sui generis, ao mesmo tempo que conta a fascinante história da sua vida e partilham as inquietações mais íntimas. Ambas assinam a autoria. Um autêntico óvni cinematográfico.

Manuel Halpern, Visão

NOTA DE INTENÇÕES

Rua dos Anjos é a minha primeira longa-metragem assim como a da Maria.

Em 2014, atriz há mais de vinte anos e realizadora há apenas três, atuei na longa metragem “Estive em Lisboa e lembrei de Você”, do realizador português José Barahona. A personagem que representei se chamava Sheila, trabalhava em casas de alterne e prostituição. Para o processo de construção desta personagem li o livro “Alugo o meu corpo”, de Paula Lee. Com uma narrativa autobiográfica, baseada na apresentação de técnicas do ofício do trabalho sexual, o livro descreve detalhadamente o início de sua carreira, a fase da inexperiência, a relação com os clientes. A leitura de Paula Lee fez-me refletir que as atrizes, na maioria das vezes, concebem romanticamente a representação de prostitutas e strippers, raramente conseguindo algum contacto com a realidade de tais ofícios e com as que dele vivem. Grandes personagens da literatura, do teatro e do cinema continuam a contribuir para a expressão romantizada da prostituta personagem.

Esta observação despertou em mim o desejo para a conceção do filme *Rua dos Anjos*. Passei a desejar fazer um filme que tivesse como temática inaugural a troca de algumas técnicas entre dois ofícios considerados pertencentes a domínios aparentemente distantes um do outro: o trabalho sexual e o fílmico.

O primeiro passo para realizá-lo deu-se na procura pelo paradeiro de Lee. Após um ano e meio de buscas ininterruptas e frustradas, fui obrigada a desistir de tê-la como a personagem do filme. Mas primeira batalha perdida, serviu como um novo começo. Enquanto ouvia de profissionais da área do cinema que o filme era um objeto descabido e fadado ao fracasso, ia reunindo forças, determinação e coerência para ir adiante. Precisava de encontrar uma personagem para o filme, mas não só.

Diante da temática baseada na permuta dos saberes entre uma trabalhadora sexual e uma realizadora, tornou-se imprescindível que a premissa do filme partisse de uma criação partilhada entre quem filma e quem se deixa filmar. Assim, precisava não apenas encontrar uma trabalhadora sexual, mas que ela estivesse disposta a trocar experiências e a responsabilizar-se por partilhar a criação do filme, realizando-o ao meu lado. Tarefa difícil que durou dois anos para chegar ao fim e que encontrou em associações de apoio a trabalhadoras e trabalhadores sexuais e aos sem abrigo uma nova perspetiva de continuidade.

Maria Roxo, uma mulher ruiva, de cabelos longos e pintados, calças de ganga, meias e luvas de renda, com um diário pesado nas mãos, despertou a minha atenção. Maria contava que tinha certeza que um dia, sua vida daria um filme, e por isso, tinha sempre em mãos um documento, um diário-livro, contando parte de sua história. Ao conhecer Maria, as minhas forças para o projeto foram reavivadas. Maria, mulher forte e terna, inteligente e corajosa, disposta a empreender o desafio de se deixar ser documentada, ao mesmo tempo que me documentava e interferia no como o filme seria feito.

Maria faleceu no início do processo de montagem, acrescentando uma nova camada de sentido ao filme. Por isso, as palavras de Maria não podem ser lidas nesta nota de intenções. No entanto, as reminiscências das longas conversas com ela ao longo de um ano sobre os possíveis caminhos narrativos do filme acompanharam-me até aqui.

Rua dos Anjos guarda, assim, a promessa de abrir um espaço para reflexão e fruição de um tipo de se fazer cinema, baseado numa criação fílmica partilhada entre quem observa e quem se deixa observar.

Renata Ferraz



**“Podemos ter um
cliente fingido.”**

Maria Roxo



FESTIVAIS E PRÉMIOS

Ann Arbor Film Festival, Competição de Longas-metragens, Prémio Eileen Maitland Award

Sheffield DocFest, Youth Jury Nominee

Queer Porto, Prémio do Público

Queer Porto, Menção especial na Competição oficial

IndieLisboa, Competição nacional

Berlin Porn Film Festival, Competição internacional de documentários

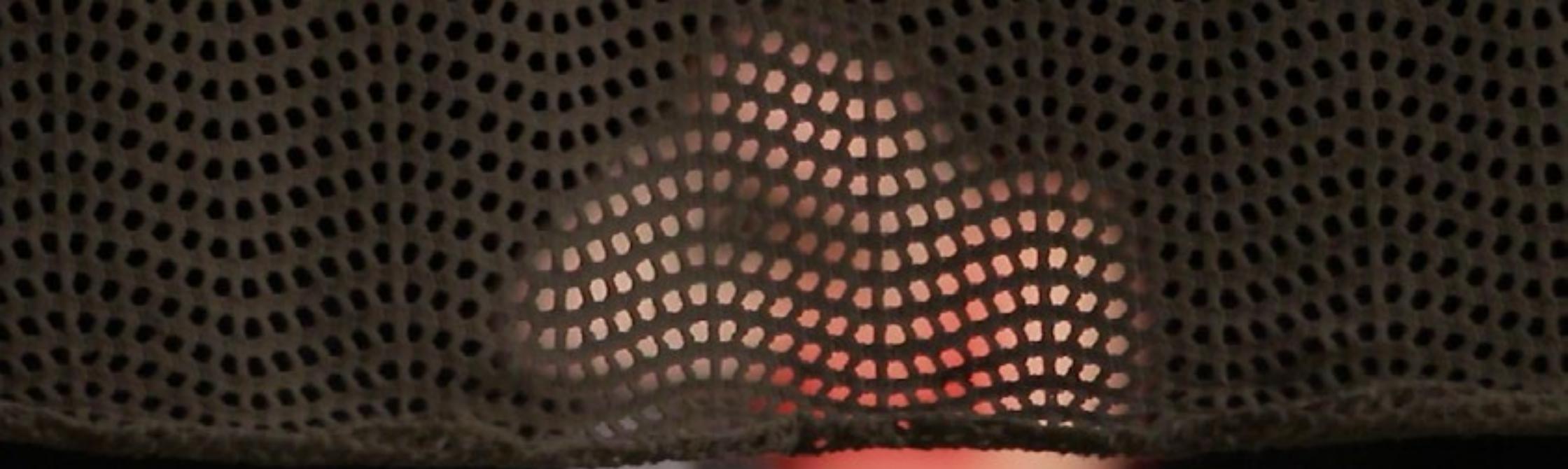
Dias do Cinema Português em Berlim

DocPoint, seleção oficial



“Alguns homens do cinema disseram-me que este seria um filme impossível de ser realizado.”

Renata Ferraz



A intenção era esta: encetar um regime colaborativo, de “coexistência”, entre realizadora e (não)atriz, entre o trabalho de realização e o devidamente trabalhado ou investigado assunto (subject). Mas é como Maria diz, perto do fim: “Acho que estou a dirigir tudo porque a história é minha”. É isso que Renata – inteiríssimo mérito seu – acabará por perceber: o filme é de Maria, a

experiência de realização participada, iniciada seguindo (ou extremando) alguns dos protocolos do cinema documental, de Robert Flaherty a Jean Rouch & Edgar Morin, redundou no retrato simples de uma personagem complexa, luminosa e brilhantemente ativa; acerca da mulher por detrás do nome-tributo “Dadinha” e da maneira como a imaginação pode ir, efetivamente, ao encontro da realidade, acabando superada por esta última. De “Dadinha” a Maria, um sol nasce e este filme presta-lhe a sentida homenagem – o menos clínica ou académica possível.

Luís Mendonça, Cinemateca Portuguesa

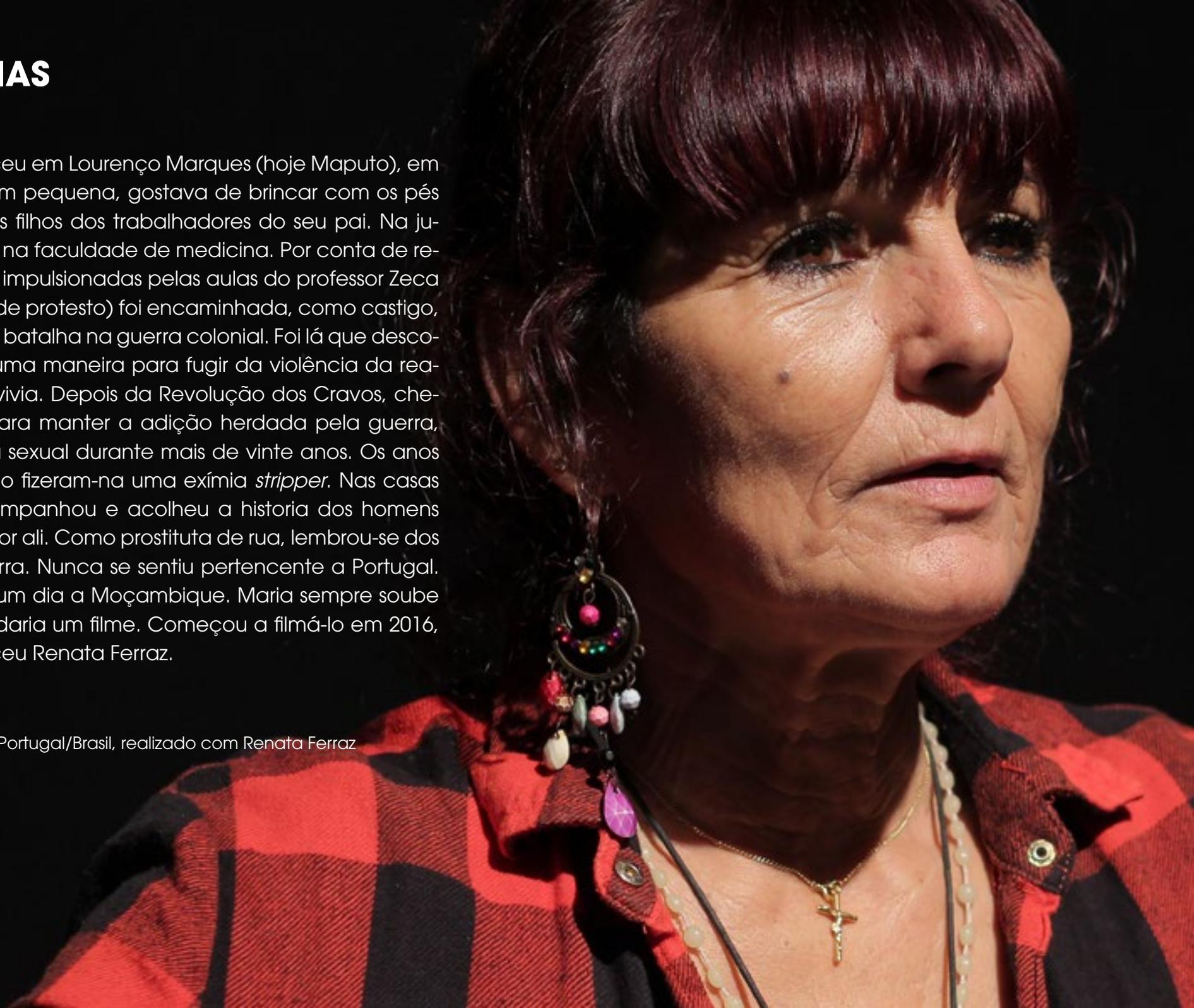
BIOGRAFIAS

Maria Roxo

Maria Roxo nasceu em Lourenço Marques (hoje Maputo), em Moçambique. Em pequena, gostava de brincar com os pés na terra, com os filhos dos trabalhadores do seu pai. Na juventude, entrou na faculdade de medicina. Por conta de rebeldias políticas impulsionadas pelas aulas do professor Zeca Afonso (músico de protesto) foi encaminhada, como castigo, para a frente de batalha na guerra colonial. Foi lá que descobriu a morfina, uma maneira para fugir da violência da realidade em que vivia. Depois da Revolução dos Cravos, chegou a Lisboa. Para manter a adição herdada pela guerra, foi trabalhadora sexual durante mais de vinte anos. Os anos de *ballet* clássico fizeram-na uma exímia *stripper*. Nas casas de alterne, acompanhou e acolheu a história dos homens que passaram por ali. Como prostituta de rua, lembrou-se dos horrores da guerra. Nunca se sentiu pertencente a Portugal. Sonhava voltar um dia a Moçambique. Maria sempre soube que a sua vida daria um filme. Começou a filmá-lo em 2016, quando conheceu Renata Ferraz.

FILMOGRAFIA

Rua dos Anjos, 83', Portugal/Brasil, realizado com Renata Ferraz



Renata Ferraz

Renata Ferraz nasceu em São Paulo, no Brasil. No meio do caos da megalópole, licenciou-se em Artes Cênicas pela UNESPe foi atriz durante vinte anos. Participou em grupos de pesquisa teatrais e também trabalhou com encenadores reconhecidos no Brasil e fora dele. As violências sofridas na cidade e na profissão, misturadas com a paixão pela imagem em movimento, fizeram-na fugir para Lisboa. Começou com a criação em vídeo arte e posteriormente, passou para curtas de ficção. Considera os processos de construção de um filme, um espaço de experimentação e investigação. Na capital do país, fez também um mestrado em Multimédia e Audiovisuais pela FBAUL e um doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento pela Universidade de Lisboa. Do teatro, herdou o prazer pela criação coletiva e decidiu fazer um filme a partir da realização partilhada com alguém que não pertencesse ao mundo do cinema ou a outras áreas artísticas. Soube que o seu projeto sairia do plano das ideias quando conheceu Maria Roxo.

FILMOGRAFIA

Rua dos Anjos, 83', Portugal/Brasil, realizado com Maria Roxo

Corpos Palimpsésticos-Mnemónicos, 9', 2020, Portugal, realizado com Flávio Almeida

Corpos Palimpsésticos, 20', 2020, Portugal, realizado com Flávio Almeida

Ádito, 14', 2017, Brasil, realizado com Rubiane Maia

Evo, 15', 2015, Brasil, realizado com Rubiane Maia

Another Place, 4', 2013, Reino Unido, Portugal, a partir da obra homónima de Antony Gormley

Corpo sem órgãos, 9', 2012, Portugal, a partir da performance In de Valentina Parraviccini

Regras, 4', 2013, Brasil/Portugal

Herói Trágico, 3', 2014, Portugal

EU - european union, 4', 2012, Portugal, a partir da persona She-Bull de Dani d'Émilia.

Permuta, 2', 2009, Brasil, com a colaboração de Marcos Gorgatti





**“A imaginação para
onde a gente quer.”**

Maria Roxo



Na sua máxima maturidade, mostra que é impossível compreender toda a galáxia de uma pessoa, mesmo quando tentamos entrar na sua pele em jeito de ator. Isso não é um triste limite, mas um testamento à maravilha da pessoa, à glória de Maria Roxo.

Cláudio Alves, Magazine HD

FICHA TÉCNICA

Maria Roxo e Renata Ferraz, Portugal, 2022, 83'

UM FILME CONSTRUÍDO POR

Maria Roxo realização, atuação, argumento, guarda-roupa, câmara adicional, apoio à montagem, assistente de produção

Renata Ferraz realização, atuação, argumento, adereços, câmara adicional, montagem, produção, pesquisa

Samara Azevedo fotografia, câmara, assistente de realização, som direto, assistente de produção, apoio ao argumento

Filipe Ruffato fotografia, câmara, assistente de realização, som direto, assistente de produção

Susana de Sousa Dias consultora de pesquisa, consultora de argumento, consultora de montagem

Flávio Almeida cor, foley, efeitos visuais, montagem de som, câmara adicional, apoio à fotografia

André Neto montagem de som, restauro de som

Tiago Matos mistura de som

Mário Espada montagem, trailer, efeitos visuais

Fernanda Gurgel consultoria de cor, apoio a montagem

Brick Fields música original (Take my time, 2015)

José Barahona excertos de filme
(Estive em Lisboa e lembrei de você, 2015)

Kintop produção

Refinaria co-produção

Zero em Comportamento/Projectos Paralelos distribuição

A woman with dark hair, wearing a grey lab coat and clear plastic gloves, is being examined by another woman with red hair, also in a grey lab coat. The woman being examined is looking towards the camera with a slight smile. The background is a plain, light-colored wall with a vertical wooden trim on the left. The lighting is soft and focused on the subjects.

**“... uma criação fílmica
partilhada entre quem
observa e quem se
deixa observar.”**

Renata Ferraz

QUEM TEM DIREITO À ÚLTIMA PALAVRA?

Por Manuel Schubert

Por insólito que pareça, o documentário RUA DOS ANJOS teve a sua estreia na Alemanha no âmbito do Festival de Cinema Pornográfico de Berlim de 2022. Uma obra desta qualidade, aliás, já deveria ter sido programada na Berlinale deste ano ou no Festival de Cinema Dok.Leipzig. No filme, a actriz e cineasta Renata Ferraz, em parceria com a trabalhadora do sexo Maria Roxo (entretanto falecida), relata a vida desta última.

O ponto de partida para esta narrativa é um pacto: Maria ensina a Renata como se exerce o trabalho sexual, e Renata ensina-lhe como se fazem filmes. RUA DOS ANJOS é o resultado desta colaboração. Um projecto de igual para igual, mas também claramente informado pela vantagem que cada uma espera obter do processo. Maria quer ter a certeza de que a sua história ficará documentada, uma história que vai muito para além da vida e do dia-a-dia de uma trabalhadora do sexo. Renata, que em tempos representou o papel de uma trabalhadora do sexo, quer obter (antes de mais) respostas para a questão de qual a forma séria e respeitosa de representar um(a) trabalhador(a) do sexo.

Este filme situa-nos num ambiente pouco convencional: estamos encerrados num espaço escuro e despojado, que poderia ser um estúdio de cinema ou de televisão. A iluminação incide apenas, muito pontualmente, sobre os poucos adereços presentes: uma cama com mesa de cabeceira, duas ca-

deiras e uma espécie de toalha de rede que pende do tecto e que separa a cama e as cadeiras umas das outras, apesar de permitir a visão à transparência.

De quem é o olhar cinematográfico que nós vemos?

Quem é que está deste ou do outro lado do separador, por que razão — e com que intuito? De quem é o olhar cinematográfico, para o lado de lá, que estamos a ver em cada momento? RUA DOS ANJOS anula o dispositivo tradicional do cinema documental — deste lado o (a) realizador(a), do outro lado o (a) protagonista. À medida que o tempo decorre, vai-se diluindo completamente a atribuição de cada um destes papéis a cada uma das mulheres. Fica claro que Maria percebe mais rapidamente o ofício da cineasta do que esta o trabalho da sedução sexual. Mas não é de rapidez que aqui se trata.

Trata-se de pessoas, trata-se da representação verídica daquilo que elas são, daquilo que as levou a serem a pessoa que são. E de como se traduz isso para a câmara. Este trabalho documental é, por isso, também um lugar de reflexão sobre o trabalho documental em si mesmo, especialmente quando se esbatem as fronteiras entre o mundo em frente da câmara e o que está por detrás. As coisas tornam-se íntimas em RUA DOS ANJOS, tornam-se dolorosas. Tornam-se extremamente emocionantes, nomeadamente para quem não esteja familiarizado com a história (colonial) de Portugal. Acontece que a trabalhadora sexual Maria Roxo — ficamos a sabê-lo, para surpresa nossa e da realizadora Renata Ferraz — foi estudante de Medicina, foi forçada a combater a

guerrilha de resistência anti-colonial em Moçambique, ficou grávida e viúva literalmente no meio do teatro de guerra, fugiu da Junta militar portuguesa, foi junkie, esteve infectada com HIV — e, lá está, foi trabalhadora do sexo até à morte.

Demasiado para a vida de uma pessoa? Sem dúvida nenhuma. Demasiado para um documentário? Muito provavelmente. E é por isso que devemos abordar RUA DOS ANJOS como um documento de um falhanço conseguido. Falhado, infelizmente, porque esbarra contra a gigantesca biografia da falecida Maria Roxo, que agora já não pode prestar testemunho, embora fiquem tantas questões por responder. Conseguido, porque este filme mantém vivas as memórias de Maria Roxo, e porque coloca um espelho implacável à frente do documentário enquanto género. Porque introduz questões sobre a posição do (da) realizador(a) quanto ao seu trabalho à frente da câmara — e põe em causa o significado real do conceito de “agency” ou influência preponderante.

Quem tem direito à última palavra?

O trabalho de natureza documental interessa-de também, necessariamente, por registar e iluminar certos aspectos ou facetas de uma pessoa que essa mesma pessoa não gostaria

de ver apresentados, assim sem mais, ou então apenas em determinado contexto e de determinada maneira. Há um conflito, inerente ao género documental, entre a pessoa à frente e a pessoa atrás da câmara. Um conflito, que, de forma simplificada, se pode reduzir a uma pergunta: quem tem direito à última palavra? Os protagonistas não são confiáveis, e o mais frequente é os realizadores(as) iniciarem a filmagem com uma ideia preconcebida, um objectivo pré-determinado. Quem é que determina, então, aquilo que, no final do processo, poderemos ver no écran? Quando é que um(a) protagonista decide sobre a sua própria narrativa? E quando é que os (as) realizadores(as) decidem, eles, sobre o seu próprio trabalho?

RUA DOS ANJOS não vai fornecer uma resposta definitiva a nenhuma destas perguntas. No entanto, o trabalho de Renata Ferraz e Maria Roxo é bem capaz de ser um dos documentários mais dramáticos e comoventes dos últimos anos. Uma bênção para o género.

01.11.2022, Taz blog



Este não é um filme que se possa ver casualmente, por diversão. É um filme que exige o significado que lhe é merecido e que pede ao espectador que questione aspetos menos falados sobre feminilidade e sobre realização. Ao apresentar estas temáticas juntas, o filme e as suas criadoras criam algo bonito e honesto com o potencial de mudar a perspetiva dos espectadores. Independentemente disso, é um filme marcará nas suas mentes perguntas que levarão consigo para o resto da vida.

Erin Evans, The Michigan Daily

CLIPPING

Reino Unido

The Prisma

Rua dos Anjos: Secrecy and self-revelation

The Prisma

Maria Roxo: from sex-work to film-directing

EUA

The Michigan Daily

Ann Arbor Film Festival 2022 'Rising Sun Blues' explores womanhood and film

Portugal

Visão

Uma das mais surpreendentes obras da Competição Nacional (do IndieLisboa 2022).

2 dedos de conversa

Rua dos Anjos, ou: coisas do divino

Público

Em "Rua dos Anjos", duas mulheres partilham experiências e saberes

Lusa

"Rua dos Anjos" leva ao cinema encontro entre duas mulheres e suas vidas

Expresso

Nesta categoria da competição oficial, também recebeu menção especial o filme "Rua dos Anjos" (Portugal, 2022), da realizadora Renata Ferraz e Maria Roxo, que durante vinte anos viveu de trabalho sexual, tendo recebido ainda o Prémio do Público.

CineBlog IfILNOVA

Rua dos Anjos: O cinema como lugar de encontro

Expresso

Sagaz, ousado, estimulante.

Magazine HD

IndieLisboa '22 | Rua dos Anjos, em análise

Bom dia.eu

Rua dos Anjos: documentário que aborda o tabu do trabalho sexual

Alemanha

Taz.blogs

Wer behält das letzte Wort?

Taz.blogs

Pornfilmfestival Berlin 2022 als Dauerliveblog: Im Stream

Espanha

Desist.film

Sheffield Doc Fest 2022: Rising Un Blues De Renata Ferraz Y Maria Roxo



**“Uma prostituta é uma atriz...
uma prostituta é uma atriz.
Aliás, acho que a prostituta
é a melhor atriz que existe
no mundo.”**

Maria Roxo

WWW.ZEROEMCOMPORTAMENTO.ORG

FINANCIAMENTO



APOIOS



PRODUÇÃO



DISTRIBUIÇÃO

